

Peça de teatro fórum Rio das Ostras

CENA 1

Contextualização:

A peça se inicia com as agricultoras entrando em cena fazendo ações típicas da agricultura familiar, como plantar, irrigar, pegar as galinhas. Fazem estas ações utilizando ferramentas ao mesmo tempo que produzem um ritmo com esse trabalho.

A sequência de ações acaba com todas agricultoras em fila de frente para a platéia.

Quando se inicia um diálogo entre a Sandra e Viviane, uma ao lado da outra, enquanto os outros falam baixo entre si.

Sandra (Dono da fazenda):

- Olha só, se continuar fazendo corpo mole nesse trabalho não vai ter mais terra pra você aqui não.

Viviane (Meeiro/ agricultor):

- Mas que corpo mole? É esse sol que não perdoa. Tem que parar alguns minutos se não o sujeito não guenta.

Sandra (Dono da fazenda):

- Mas olha, já te faço um favor de ceder um pedaço de terra, se ficar com essa ainda, não vai dar não.

Viviane (Meeiro/ agricultor):

- Favor? Trabalhamos de sol a sol aqui, você fica com metade de tudo que a gente produz, só a gente que sua aqui e você fala de favor?

Sandra (Dono da fazenda):

-A terra é minha, eu forneço todos os insumos, moradia, e vocês ainda reclamam, né.

Viviane (Meeiro/ agricultor):

-O Dona Sandra, nós estamos cansados, não temos direito nem de adoecer, a senhora sem motivos reclama sem motivo, pois trabalhamos no sistema de meeiro, e caso a senhora saiba, A ESCRAVIDÃO JÁ ACABOU!

Sr. Drumond (Meeiro/agricultor):

TRABALHO ESCRAVO É CRIME!

Conceição (Mãe/Agricultora):

- Estamos cansados de ser explorados.

Sabrina (Meeiro/agricultor):

- É por isso que sonho em ter a minha terra.

Ainda enfileirados, inicia o trecho da música (com batidas do cabo da enxada):

Tem alguém levando o lucro (Viviane)

Tem alguém colhendo o fruto (Ingrid)

Sem saber o que é plantar (Dona Conceição)

Tá faltando consciência (Sabrina)

Tá sobrando paciência (Karla)

Tá faltando alguém gritar (todos juntos)

Saindo enfileirados para cena 2, continuando o trecho:

Feito um trem desgovernado

Quem trabalha tá ferrado

Nas mão de quem só engana

Feito mal que não tem cura

Estão levando a loucura

O BRASIL QUE A GENTE AMA! (todos)

No fundo do palco, Karla e Ingrid se posicionam, em pé e de cabeça baixa, uma em cada ponta.

Começam a trabalhar na terra: Viviane e Sabrina; Dona Conceição entra em cena e senta no banco/cadeira.

Sandra: entra em cena olhando a propriedade...

Sandra (trabalhadora da "ZUN"/interessada na terra):

- Ô de casa... (palmas)

Viviane (Assentada/agricultora):

- Chega aí, pode entrar...

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra):

-Bom dia! Meu nome é Sandra, sou gerente da Lacon, aqui pertinho na “ZUN”, e gostei muito do local. Vocês não sabem onde tem uma terra para vender por aqui?

Sabrina (Assentada/agricultora):

-Não sabemos não!

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra):

-Estou precisando de uma área para construir uma casinha para meu descanso nos finais de semana.

Viviane (Assentada/agricultora):

-Ô dona Sandra, hoje eu não sei, mas deixa seu número de telefone que se eu souber quem queira vender eu entro em contato.

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra):

-Está aqui o meu cartão, mas semana que vem eu dou uma passada aqui outra vez.

Sandra sai de cena

Viviane (Assentada/agricultora):

-E aí? O que você achou?

Sabrina (Assentada/agricultora):

-Não tem assunto, minha terra não está à venda!

Viviane (Assentada/agricultora):

-A terra é nossa! Você esqueceu que conquistamos juntas?

Conceição (Mãe/agricultora):

-Minhas filhas, vocês se lembram das humilhações que passaram? Tantas lutas e cobranças por conta dos fazendeiros na época de meeiro. Lembram como foi difícil conseguir a terra de vocês?

Congela a cena; Música sem galo no Cantagalo (1ª ESTROFE + REFRÃO); Desperta o flash back (coloca o chapéu na cabeça da Dona Conceição)

Conta a lembrança, depois retorna ao seu lugar.

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra):

- Ô de casa... (palmas) Boa tarde, tem alguma novidade pra me dizer?

Sabrina (Assentada/agricultora):

- Não tem novidade nenhuma não, dona.

Viviane(Assentada/agricultora):

- Calma Sabrina, calma.

-Ô dona Sandra, a senhora tem noção do tamanho da terra que vai precisar? E qual o valor a senhora está disposta a pagar?

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra)

- Qual o tamanho da sua área aqui? Eu andei analisando e percebo que esse tamanho atende o que estou precisando, ali da um campo de futebol, mais para cá uma área gourmet... E quanto ao preço, isso não é problema, pago o valor do mercado.

Sabrina (Assentada/agricultora):

- Mas a nossa terra não está à venda por valor nenhum.

-Lembra irmã, quando plantamos aquela árvore? A vovó ainda era viva, a mamãe ainda tinha as vistas boa, pensa na vida que levamos quando éramos meeiras.

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra)

-Olha meninas eu não vim para trazer problemas e sim solução, pensem com calma, até mais.

Congela a cena; Música sem galo no Cantagalo (2ª ESTROFE + REFRÃO); Desperta o flash back (coloca o chapéu na cabeça da Dona Celina)

Sandra e Drumond em cena.

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra):

-Lembre-se do que nós combinamos, não vai roer a corda hein.

Drumond (poder público):

-Pode deixar comigo.

Sandra chega na propriedade das irmãs.

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra):

- Boa tarde, tomei a liberdade de trazer uma pessoa que está por dentro de toda situação daqui da região.

Drumond (poder público):

-Boa tarde, meu nome é Drumond, tudo bem? Sou (**quem do poder público???anunciar a função dele aqui**) Como é que vocês estão conseguindo se manter aqui? Vocês conseguem sobreviver com o que produzem?

Viviane (Assentada/agricultora):

- A gente vai vivendo da maneira que Deus permite; Planta aqui na terra, leva pra vender na feirinha, vende de porta em porta, fazemos faxina, capina, qualquer bico que pintar a gente encara para complementar a nossa renda.

Drumond (poder público):

-Eu conheço algumas pessoas que venderam a terra e compraram áreas documentadas em outros lugares e que estão vivendo muito bem.

Sabrina (Assentada/agricultora):

-Aqui não tem nada à venda.

Drumond (poder público):

-A legalização da terra aqui está muito complicada, o INCRA só promete e há 30 anos e vocês continuam parados no mesmo lugar, sem a documentação definitiva.

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra):

- Vocês já notaram que envolta de vocês todos já picaram a terra? Daqui a pouco essa área toda vai ser urbanizada e vocês não vão poder criar suas galinhas, seus porcos...

Sabrina (Assentada/agricultora):

-Mas porque vocês estão interessados em comprar uma terra que não tem documento? E como vocês dizem: Corremos o risco de perdê-la.

Drumond (poder público):

-Veja bem minha senhora, se a Dona Sandra perder essa terra, para ela não será nada, e para a senhora, será uma vida inteira de luta perdida e um sonho acabado.

Viviane (Assentada/agricultora):

- Ta vendo Sabrina, olha como a mamãe já não está mais com saúde; Realmente só tem meia dúzia de lotes inteiros por aqui. Para comprar remédios para a mamãe nós temos que trabalhar para os outros, as crianças já foram toda embora, realmente aqui é muito sacrificante, nós não temos ajuda de ninguém aqui para crescer e ter uma vida melhor. Podemos não ter uma oportunidade como essa.

Sabrina (Assentada/agricultora):

-Olha em volta, o quanto nós lutamos para ter essa terrinha boa aqui. A ocupação aqui 30 anos atrás, todo trabalho junto com outras agricultoras pra que conseguíssemos plantar, no tempo que tudo aqui era só mato, pensa bem minha irmã...

Congela a cena; Música sem galo no Cantagalo (1ª ESTROFE + REFRÃO); Desperta o flash back (coloca o chapéu na cabeça da Viviane)

Sandra e Sr. Drumond se afastam e ficam olhando a propriedade, gesticulando como será a casa dela.

Sabrina (Assentada/agricultora):

-Você sabe de tudo que nós já passamos.

Viviane (Assentada/agricultora):

- Você quer terminar igual a mãe?

Sabrina (Assentada/agricultora):

- É, você tem razão, só somos nós três agora, mas nós já criamos nossos filhos aqui, quem sabe eles voltam?

Viviane (Assentada/agricultora):

- Voltar pra que? Se nós três já passamos por dificuldades, imagine mais bocas para alimentar?

Sabrina (Assentada/agricultora):

-Irmã, olha o sossego que nós temos, essa terra fértil, a mamãe ama isso daqui.

Viviane (Assentada/agricultora):

-Aqui não temos certeza que um dia a terra será nossa mesmo, já pensou se perdermos a nossa terra? O que será de nossa mãe? Nós vamos trabalhar em outro lugar, e ela?

Sabrina (Assentada/agricultora):

-Você quem sabe! Está tudo em seu nome mesmo.

Sandra e Drumond se aproximam

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra):

- E aí? Vocês já decidiram? Minha oferta é essa aqui! (Abre a mala com o dinheiro)

Sabrina (Assentada/agricultora):

-Olha, a minha vontade não é de vender, mas nós vivemos numa incerteza sobre a legalidade da terra, sem incentivo do poder público, com dificuldade para escoar a produção. É muito doloroso para mim, mas realmente o melhor a se fazer neste momento é aproveitar essa oportunidade.

Drumond (poder público):

-A senhora tomou a melhor decisão!

Sabrina (Assentada/agricultora):

-E o senhor é quem mesmo?

Drumond (poder público):

-Sou o secretário executivo do poder público.

Viviane (Assentada/agricultora):

- (aqui poderia ter uma fala de contestação desse secretário do poder público, algo como “se o você tivesse auxiliado a fortalecer a agricultura familiar não precisaríamos estar fazendo isso agora”, mas mediante toda essa dificuldade que nós passamos e estamos vivendo, é com muita tristeza que decidimos vender! (Assina o documento)

Sandra (trabalhadora da “ZUN”/interessada na terra):

-Negócio fechado.